

---

## **O folheto da literatura de cordel como mídia informativa sobre a dengue: uma análise de conteúdo na perspectiva da comunicação pública<sup>1</sup>**

Alberto PERDIGÃO<sup>2</sup>  
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

### **RESUMO**

O artigo se localiza no campo da folkcomunicação. Analisa o conteúdo de folhetos da literatura de cordel que tratam do tema dengue. Admite, como pressuposto, que as narrativas apresentadas nos referidos folhetos ampliam a difusão de informações relacionadas à doença, junto ao público leitor ou ouvinte da literatura de cordel, assumindo, desta forma e em parte, o papel da comunicação pública em saúde.

**PALAVRAS-CHAVE:** Folkcomunicação; Literatura de cordel; Folheto informativo; Comunicação pública; Dengue.

### Introdução

O assunto saúde está no folheto informativo da literatura de cordel como objeto e como reflexo de um assunto que sempre ocupou a literatura oral e também as conversas cotidianas. Entenda-se saúde como os temas e fatos relacionados à doença ou à não-doença e outros temas direta e proximamente relacionados a estas duas ideias. Na classificação temática do folheto informativo (PERDIGÃO, 2022), saúde é um dos subtemas do tema demandas cotidianas, constante do eixo temático políticas públicas. A proposta de organização deste universo da literatura de cordel é aberta; contempla cinco eixos, cada um composto por temas e subtemas, os quais também podem ser subdivididos.

Estão no subtema saúde as enfermidades em geral, sejam elas conhecidas ou desconhecidas do território; raras ou frequentes; evitáveis, curáveis ou incuráveis; assintomáticas, de sintomas leves ou letais; sejam os casos isolados ou de um surto, de uma epidemia ou de uma pandemia. Estão também as práticas e representações culturais do território quanto à prevenção, ao diagnóstico, à sintomatologia, às terapias e à cura. Milagres e curas sobrenaturais; homenagens a médicos, à medicina e a centros de saúde; adoecimentos e mortes causados pelo trânsito, pelo tabagismo e pelo uso de substâncias

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo (MUDAR para o GP que irá enviar), XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista, mestre em Políticas Públicas e Sociedade, professor-convidado da Universidade de Fortaleza, pesquisador associado à Rede Folkcom. E-mail: aperdigao13@gmail.com.

como álcool e drogas são do âmbito da saúde pública, portanto não integram o referido subtema.

Este mergulho investigativo qualitativo tem como objeto de estudo o folheto informativo de saúde que aborda a doença dengue. Pergunta-se como os folhetos apresentam a doença, tendo, como pressuposto, que as narrativas apresentadas ampliam a difusão dos conteúdos divulgados pela comunicação pública junto ao leitor ou ouvinte da literatura de cordel. Usa-se, como metodologia, a análise de conteúdo, tendo como critérios as ideias representadas pelas palavras *mosquito* (*Aedes aegypti*) e *doença* (dengue).

### Fundamentação

O presente artigo traz, como primeira premissa, a compreensão de que a comunicação pública tem como proponente e protagonista o poder público - Executivo, Legislativo e Judiciário -, para assegurar a informação de caráter público, a expressão da cidadania e o diálogo público político entre o Estado e a sociedade - como previsto em legislação específica no Brasil; e tendo, como “expectativas”, alimentar o conhecimento cívico, facilitar a ação pública e garantir o debate político (ZÉMOR, 2003).

‘Alimentar o conhecimento cívico’ (...) é fazer o cidadão reconhecer-se como parte num diálogo, como também sujeito, e não só objeto de uma comunicação; (...) um interlocutor com consciência cívica que o faz falar e também de eventuais silêncios do governo ou do Estado. ‘Facilitar a ação pública’ é estabelecer um campo fértil de interlocução e, portanto, favorável à elaboração, realização, avaliação e à realimentação de políticas públicas (...). ‘Garantir o debate político’ (...) é estimular o confronto de ideias (...) entre os poderes públicos e os cidadãos (...). (PERDIGÃO, 2010, p. 96-97).

Como segunda premissa, o artigo oferece o entendimento de que o folheto informativo da literatura de cordel (também chamado de acontecidos, de circunstância, de ocasião) é uma mídia folkcomunicacional alternativa, popular e contra-hegemônica, frente aos meios de comunicação de massa tradicionais (PERDIGÃO, 2022). É informativa porque trata dos mesmos fatos e temas da mídia tradicional, e sob os mesmos critérios de noticiabilidade. É alternativa porque se apresenta como um outro jornal; é popular porque é uma elaboração do povo, para o povo e com o povo; e

---

contra-hegemônica porque é resistente, na forma e no conteúdo, no mister de narrar a vida sob a ótica não-elitista, não opressora.

[A folkcomunicação] congrega significativas camadas da sociedade seja rural, seja urbana, alienada do processo desenvolvimentista e que utilizam meios de folk para a expressão de suas informações, ideias e anseios, como os folhetos de cordel, as cantorias, os contos, as danças, os autos populares, a talha, a cerâmica. São grupos culturais marginalizados intelectual, econômica e geograficamente e/ou grupos urbanos socialmente marginalizados, ora pelo reduzido poder aquisitivo de sua renda econômica que não lhes permite o acesso aos meios citados, ora por contestação à cultura ou à organização social estabelecida (...). (BELTRÃO, 2013, p. 512).

## Metodologia

A presente análise de conteúdo foi realizada sobre a amostra de 16 folhetos da coleção particular do autor. Os livretos foram publicados em cinco diferentes estados de quatro regiões, a saber: Ceará, com seis exemplares, seguido de Pernambuco (5), Rio de Janeiro (3), Distrito Federal (1) e Pará (1). Os folhetos foram publicados em épocas distintas, sendo o mais antigo datado de 1998, período da primeira epidemia contemporânea, e o mais recente publicado em 2017. Os demais anos de publicação, 2002 (2), 2004 (1), 2007 (1), 2008 (2), 2009 (1) e 2016 (2), coincidem com períodos em que se verificou grande número de casos de dengue na região de atuação do poeta-repórter. Cinco dos folhetos foram publicados sem data.

A amostra é formada pelos seguintes folhetos: A Dengue Judia e Mata: como evitar?, de Zé Govim (32 estrofes em sextilhas); A Dengue tá aí, de Antônio Amorim Pereira (16 versos em sextilhas); A Peleja de Zé Dengoso contra a Política do Veneno, de Hércules Amorim e Lia Giraldo (12 estrofes em décimas); Aedes Aegypti: o mosquito da dengue, de Abraão Rodrigues (60 estrofes em sextilhas); Cordel de Combate à Dengue, de Altair Leal (16 estrofes em décimas); Cuidado! Ele Pode te Ferroar!!!, de Francisco Zênio (26 estrofes em sextilhas); Defenda-se contra o Dengue, de Manoel Santamaria (24 estrofes em sextilhas); Dengue, né Brinquedo Não!!, de Pedro Ernesto de Jesus (22 estrofes em septilhas); e Dengue: Vamos Combater!, de Rivani Nasario (24 estrofes em septilhas).

A lista continua com Dengueladen: O Mosquito Está Mais Forte, de Davi Teixeira (24 estrofes em sextilhas); Diálogo do Pescador sobre o “Aedes aegypti”, de Jota Gomes (24 estrofes em sextilhas); Guerra ao Mosquito, de Ducarmo Souza (27 estrofes em septilhas); Guerra contra a Dengue, de Dodó Félix (32 estrofes em

sextilhas); O Mosquito da Dengue em Literatura de Cordel, de José Evangelista (32 estrofes em sextilhas); Para Combater a Dengue, Zica e Chikungunya o Remédio é a Prevenção, de Gerardo Carvalho Frota (38 estrofes em sextilhas); e Vamos Evitar a Dengue, de José João dos Santos (32 estrofes em septilhas). Em toda a amostra, apenas um folheto teve patrocínio público.

Os folhetos da amostra trazem na capa títulos palavras ou expressões que remetem à apresentação do mosquito transmissor da dengue e dos riscos de expandir a infecção (a dengue tá aí, né brinquedo não, o mosquito está mais forte); que fazem um alerta para o risco da doença e para a necessidade de preveni-la (cuidado, defenda-se, como evitar, vamos evitar); e que conclamam os leitores e ouvintes a se engajarem num enfrentamento de vida ou morte (vamos combater, para combater guerra ao mosquito, guerra contra a dengue). As capas apontaram a oportunidade de considerar seis critérios de análise, a saber: mosquito, doença, prevenção, combate, tratamento e epidemia.

#### O que dizem os folhetos

Dez dos folhetos da amostra oferecem estrofes sobre o critério de análise *mosquito*. Por este critério, extraíram-se dados sobre o inseto, o transmissor. Em Diálogo do Pescador sobre o “*Aedes aegypti*”, para apresentar “um bicho que assombra”, o poeta-repórter narra uma conversa cotidiana ocorrida numa região praiana, entre um pescador-comerciante e um popular. Os trechos apresentados como dados, a seguir, estão transcritos conforme o original.

Disse Chico: O ser humano  
É mesmo muito esquisito  
Adoça água do mar  
Põe satélite no infinito  
Tira energia do vento  
E não domina um mosquito

Hoje não se ouve mais  
Falar em “bicho papão”  
Fantasma de encruzilhada  
Lobisomem e batatão  
Mas tem um bicho que assombra  
Da criança ao ancião

Um tal de *aedes aegypti*  
Que percorre continentes  
Provocando muitas mortes  
Deixando muitos doentes  
Desafiando a ciência

---

Dos homens inteligentes

Um vivente tão pequeno  
Que não pesa um milígrama  
Não mede meio centímetro  
Não tem couro nem escama  
Mas de tanto causar pânico  
Já está criando fama

Por onde o aedes passa  
Com seu ataque sinistro  
Preocupa Presidente  
Governador e Ministro  
Sua existência revela  
Um negativo registro

Secretário de Saúde  
Treme só de ouvir falar  
Agentes de endemias  
Pede pro povo ajudar  
Até as forças armadas  
Já tiveram que atuar (GOMES, s/d, p. 2-4).

Onze dos folhetos da amostra oferecem estrofes sobre o critério de análise *doença*, aqui significando a sintomatologia apresentada pelo infectado. Em Guerra contra o Mosquito, o poeta-repórter descreve sintomas do corpo e do ânimo, e afirma que “o paciente imagina que está prestes a morrer”. Não é possível afirmar, mas, embora escritos em terceira pessoa, os versos, dado o realismo que sugerem, parecem ter surgido da experiência de um poeta-repórter acometido pela doença.

Não estamos resguardados  
da picada traiçoeira...  
De repente, eis os sintomas:  
dor de cabeça, tonteira,  
febre alta com fastio  
e no corpo uma canseira.

Todo o dia, a noite inteira,  
dói o corpo e, um momento,  
exausto, o doente busca  
minorar o sofrimento...  
Mas descobre que é melhor  
não tomar o medicamento.

Não tem gosto o alimento  
que nem na garganta não passa.  
Tudo gira ao seu redor,  
a dor o corpo transpassa.  
E o mundo fica embaçado  
como se envolto em fumaça.

Com a consciência a lassa,

---

vai-se o gosto de viver.  
Ausenta-se a alegria  
pra dá lugar ao sofrer.  
O paciente imagina  
que está prestes a morrer.

Assim, nesse padecer,  
passa horas, passa dias.  
Horas longas, nebulosas,  
noites insones, sombrias.  
Parecem não ter mais fim  
as terríveis agonias.

Arrastam-se vários dias,  
até que haja uma melhora.  
E durante esse período  
a vida corre lá fora,  
pois o tempo implacável,  
por nós passa e vai embora. (FÉLIX, 2002, p. 4-5).

### Considerações finais

Este artigo tratou do folheto da literatura de cordel no seu papel de informar sobre a dengue, que é do âmbito da comunicação pública em saúde, prevista em lei para ser executada pelo poder público. Perguntou-se como os folhetos apresentam a doença, tendo, como pressuposto, que as narrativas ampliam a difusão dos conteúdos divulgados pela comunicação pública junto ao leitor ou ouvinte da literatura de cordel.

A amostra de 16 folhetos foi construída a partir da coleção do autor. Usou-se, como metodologia, a análise de conteúdo, tendo como critérios as ideias *mosquito* (com dez ocorrências) e *doença* (com onze). De acordo com o analisado, concluiu-se que o referido folheto cumpre a missão de informar sobre a doença, confirmando, assim, a validade da hipótese de que as narrativas apresentadas ampliam a difusão do conteúdo-objeto da comunicação pública.

### REFERÊNCIAS

AMORIM, Hércules; GIRALDO, Lia. **A peleja de Zé Dengoso contra a política do veneno**. S/d: s/d, 2004.

BELTRÃO, Luiz. **O folclore como discurso**. IN: MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). *Metamorfose da folkcomunicação: antologia brasileira*. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

EVANGELISTA, José. **O Mosquito da dengue em literatura de cordel**. Recife: edição do autor, 2008.

FÉLIX, Dodó. **Guerra contra a dengue**. S/d: s/d, s/d.

FROTA, Gerardo Carvalho (Pardal). **Para combater a dengue, zica e chikungunya o remédio é a prevenção**. Fortaleza: Edições Cecordel, 2017.

GOMES, Jota. **Diálogo do pescador sobre o “Aedes aegypti”**. Icapuí (CE): edição do autor, s/d.

GOVIM, Zé. **Dengue judia e mata: como evitar?** Crato (CE): Sesc Crato, 2016.

JESUS, Pedro Ernesto de M. **Dengue, né brinquedo não!!** Juazeiro do Norte (CE): Projeto Sesc Cordel, 2002.

LEAL, Altair. **Cordel de combate à dengue**. S/d: Paulista (PE): edição do autor, 2007.

NASARIO, Rivani. **Dengue: vamos combater!** S/d: Editora Coqueiro, s/d.

PERDIGÃO, Alberto. **Comunicação pública e TV digital**: interatividade ou imperatividade na TV pública. Fortaleza: EDUECE, 2010.

PERDIGÃO, Alberto. **Política e literatura de cordel**: o folheto como mídia informativa alternativa, popular e contra-hegemônica. Fortaleza: RDS, 2022.

PEREIRA, Antônio Amorim. **A dengue tá aí**. Juazeiro do Norte (CE): Projeto Sesc Cordel, s/d.

RODRIGUES, Abraão. **Aedes aegypti**: o mosquito da dengue. Juazeiro do Norte (CE): edição do autor: 2009.

SANTAMARIA, Manoel. **Defenda-se contra o dengue**. S/d: edição do autor, s/d.

SANTOS, José João dos (Mestre Azulão). **Vamos evitar a dengue**. S/d: edição do autor, 2008.

SOUZA, Ducarmo. **Guerra ao mosquito**. Belém: Isvá Editora, 2016.

TEIXEIRA, Davi. **Dengueladen**: o mosquito está mais forte. S/d: edição do autor, s/d.

ZÉMOR, Pierre. **La communication public**. IN: SILVA, Luiz Martins da (Org.). Comunicação pública. Brasília: Casa das Musas, 2003.

ZÊNIO, Francisco. **Cuidado! Ele pode te ferrear!!!** Brasília: Edição do autor, 1998.